

Diversão & Arte

EM
DATA DECISIVA
PARA AS INDICAÇÕES AO
OSCAR, QUE TERÁ
CERIMÔNIA EM MARÇO, É HORA
DE FICAR ATENTO A **AINDA ESTOU**
AQUI E DE CONFERIR FITAS
COMO **ANORA** E **CONCLAVE**,
QUE TÊM AMPLAS
CHANCES NA
PREMIAÇÃO

» RICARDO DAEHN

Um bastão passado de mãe para filha: foi há 25 anos que Fernanda Montenegro qualificou, frente aos votantes do Oscar, em bom e claro português, a única indicação junto aos membros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas para uma atriz brasileira — fato que pode ser estendido, hoje, às 10h30, para Fernanda Torres, a pérola de *Ainda estou aqui*. O longa de Walter Salles (com fôlego para indicação de diretor), ainda concorre a vagas de melhor filme internacional, e, em alcançando a categoria de roteiro adaptado (vencedor no Festival de Veneza), talvez engrosse a lista de melhor filme do ano. Vencedora do Globo de Ouro de atriz, Fernanda Torres compete no Satellite Awards, depois de vencer (a segunda posição) na Associação dos Críticos de Los Angeles e conquistar a versão latina do Critics Choice.

O longa-metragem de Walter Salles tem uma carreira de vitória no Festival de Veneza, pelo reconhecimento do roteiro de Heitor Lorega e Murilo Hauser, esteve na lista dos cinco mais importantes do ano, pela *National Board of Review* (sediada em Nova York) e venceu prêmios em Palm Springs, além de conquistar honrarias de público pela Mostra Internacional de São Paulo, por festival internacional de Vancouver (Canadá) e pelo Miami Film Festival. Na carreira, ainda foi destacado pelo Goya (importante prêmio espanhol), Satellite Awards e o Bafta inglês.

Com público superior a 3 milhões, no Brasil, o filme despertou a paixão e a campanha



aberta (pelo Oscar) da forte comunidade de internautas brasileiros. Baseado na experiência de Marcelo Rubens Paiva, junto à dissolução da família, por ação da ditadura no Brasil, o longa conta do destino da virtual viúva de Rubens Paiva, extirpado do seio familiar, por ação do governo militar. O papel de Eunice Paiva, mãe determinada de cinco filhos, é interpretado tanto por Fernanda Torres quanto por Fernanda Montenegro.

Rompimento de barreiras

Depois da salada de línguas promovida pela intérprete Sandra Hüller (indicada, ano passado, por *Anatomia de uma queda*), o Oscar pode estender a seara corriqueira de reconhecimento para sueco e italiano, por anos, presente em atores como Roberto Benigni, Marcello Mastroianni, Liv Ullmann e Sophia Loren. Em francês, 11 intérpretes competiram.

O espanhol até encontrou boa visibilidade: Catalino Sandino Moreno competiu em 2004; Penélope Cruz, por duas ocasiões, isso para além do time masculino, com Antonio Banderas, Javier Bardem e Benício Del Toro (venceu do Oscar, por *Traffico*). Em 2018, Roma jogou luz sobre as carreiras de Yalitza Aparicio e Marina de Tavira. O português de Fernanda Montenegro (em *Central do Brasil*) colocou a primeira dama do teatro junto ao raro patamar da idosa tcheca Ida Kaminska, indicada em 1966, e também contra o etarismo, a aliou à coreana Yuh-Jung Youn, reconhecida (como coadjuvante) em *Minari*.

BEM COTADOS

Em tom de brincadeira, Mikey Madison, a estrela de *Anora* — um dos filmes mais cotados para prêmios importantes do Oscar 2025 — pontuou, na imprensa estrangeira que, no âmbito da família, ou parentes “vão enviar mensagens de texto muito simpáticas (acerca do filme)” ou simplesmente não as ouvirá”. A redoma de proteção se justifica até pelo sensível tema do filme: uma stripper (que abraça episódios radicais) vê chance de alpinismo social, ao topor com um rapaz bilionário e inconsequente. Ao *Los Angeles Times* foi o diretor Sean Baker quem comentou escolhas: “A comédia está em uma tomada ampla; a tragédia está em um close-up. Numa cena definitiva (da machista afronta à protagonista Ani), desponta a visão ampla de tudo, e conferimos o absurdo do argumento de todos, percebendo que Ani está se

segurando contra os caras”.

O sentimento de ameaça, pouco a pouco, se esvai entre o público, que embarca numa comédia (com quê agrado) que persegue estética de uso limitado, com peso para o antigo 35 mm (em película) e muitas cores em jogo. “Vivemos época em que a tecnologia, o analógico encontrando o digital, abre muitas portas para os artistas. Hoje, temos ferramentas digitais para ajudar a limpar e aperfeiçoar as imagens”, comentou Baker, cotado ao Oscar de direção, à importante revista Forbes.

Numa entrevista montada pela *Interview Magazine*, com participação da ex-concorrente ao Oscar por *Elle*, Isabelle Huppert, a estrela de *Anora*, Mikey Madison explicou o treinamento de stripper, e acrobata de pole dance, além do persistente apelo sensual dos saltos altos. “Sabia, desde o começo, que Ani é uma personagem que usa seu corpo de uma forma muito específica porque é parte de seu trabalho. Eu estudei muitas dançarinas e fui a clubes e vi como eles

usavam seus corpos, porque para mim, sua nudez é como uma fantasia”, comentou.

Disparada

Baker vem de uma carreira alternativa, com filmes menores como *Tangerina* (2015) e *Uma estranha amizade* (2012) dedicados à afirmação feminista. Depois de ver o coadjuvante Willem Dafoe competir ao Oscar de ator coadjuvante, num filme dele (*Projeto Flórida*, de 2017), Sean ascendeu à esfera do Festival de Cannes: venceu a Palma de Ouro justo com *Anora*, três anos depois de competir com *Red Rocket* (no ano da vitória de Julia Ducournau, por *Titane*, em que a protagonista gozava de relação inusitada com um carro).

Vitório em Cannes, em 2024, Sean Baker colocou para trás filmes de Coralie Fargeat (*A substância*), Francis Ford Coppola, o francês Jacques Audiard (de Emilia Pérez), a indiana Payal Kapadia e os estabelecidos Christophe Honoré e Yorgos Lanthimos, além do brasileiro Karim Ainouz (*Motel Destino*).

FilmNation Entertainment



Anora,
um dos
cotados
para o
Oscar

Candidato a ator coadjuvante, tanto pelo *Spirit Independent Awards* quanto pelo Globo de Ouro, o ator Yura Borisov interpreta Igor, em *Anora*. A repercussão do retrato do capanga diferenciado surpreendeu o ator, pelo que contou ao veículo *The Wrap*: “Eu absolutamente não sabia que isso aconteceria enquanto estávamos filmando”. Yura esteve no thriller romântico *Compartment N° 6*, que, há três anos, chegou a competir pelo Oscar de melhor filme internacional.

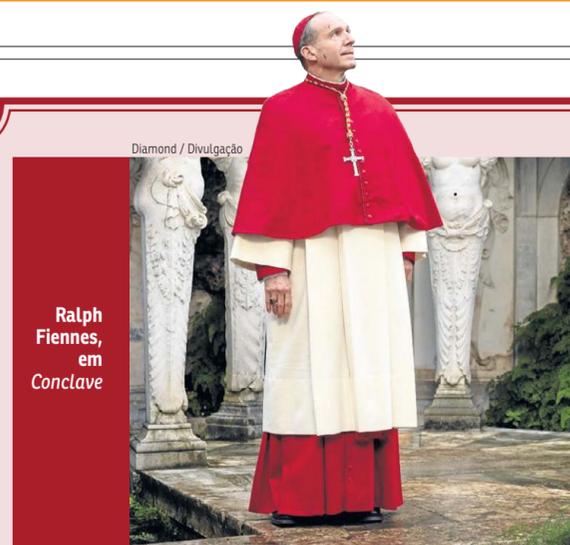
BOM CINEMA, E DE GRAÇA

Mostra itinerante organizada com acervo da Cinemateca Brasileira, Resistências Cinematográfica trará, a partir de hoje, exibição de graça, com filmes nacionais no Cine Brasília (EQS 106/107). Com teor abrangente, e muito impulsionado por política, o lote de filmes contempla *Prá frente Brasil* (1982), de Roberto Farias, a ser mostrado, hoje, às 16h10, e a animação *Meu tio José* (filme de 2021, de Ducca Rios), atração das 18h40. O primeiro trata das torturas a um civil interpretado por Reginaldo Faria, durante a ditadura militar, enquanto o filme de Ducca traz parte da vida de José Sebastião Rio de Moura, envolvido, em 1969, no sequestro do embaixador Charles Elbrick.

A mostra reúne obra de diretores fundamentais como Glauber Rocha, Leon Hirszman, Norma Bengell, Eduardo Coutinho e Neville D’Almeida. Estendida até 12 de fevereiro, terá clássicos como *Os fuzis* (1964), de Ruy Guerra, que trata da elevada fome experimentada no Nordeste sessentista, e *O caso dos irmãos Naves* (1967), de Luiz Sérgio Person, detido num caso de gritante injustiça no sistema prisional, ocorrido durante o Estado Novo. Entre 20 títulos, estão ainda *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), sucesso de Cao Hamburger, e *A opinião pública* (1966), filme fundamental ao entendimento dos anos de 1960, sob a ótica do provocador Arnaldo Jabor.



Roberto Farias:
diretor de peso
na mostra da
Cinemateca



Ralph
Fiennes,
em
Conclave

SEGREDOS SOTERRADOS

Embalado com clima de intrigas palacianas, um dos mais esperados filmes do ano — *Conclave* — chega hoje à telona, com ampla segurança de estar entre os indicados ao Oscar. Expectativa, constrangimento e traição movem passos dos que seguem os rigores instituídos pelo cardeal Lawrence, personagem de Ralph Fiennes. A escolha de um novo Santo Padre demonstra que, sim, “papado é um fardo pesado”.

Das exaltações de “bons

homens” à derrocada de alguns candidatos ao posto de papa, o espectador presencia racismo, gestos pequenos e mesquinhos e toma contato com o termo simonia — a negociação de relíquias, postos ou favores de ordem espiritual.

Tensões e níveis de tolerância se alternam, na eleição feita “aos olhos de Deus”. No cenário do filme, homens usam vermelho e machismo, enquanto as mulheres adotam resiliência, azul e branco. Os reconhecidos John Lithgow,

Stanley Tucci e Sergio Castellitto se juntam aos expressivos Carlos Diehz, um ator mexicano, e a estrela internacional Isabella Rossellini. Dirigido pelo alemão Edward Berger (*Nada de novo no front*), o longa partiu de sucesso literário de Robert Harris. A expectativa é de que o filme se sobressaia nas indicações ao Oscar, de logo mais. Roteiro adaptado, filme, direção e integrantes do elenco devem capitalizar indicações. (RD)

Em 2 de janeiro
de 2025, o
filme *Conclave*
arrecadou
**US\$ 58,7
MILHÕES**
em bilheteria
mundial